

## LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

### O SISTEMA DE CASOS: INTERFACE ENTRE A MORFOLOGIA E A SINTAXE

*Dimar Silva de Deus* (Unipaulistana)  
[dimmar@gmail.com](mailto:dimmar@gmail.com)

#### O SISTEMA DE CASOS

Quando se estudam línguas que comportam morfemas de caso, como o latim, por exemplo, a interface entre a morfologia flexional e a sintaxe torna-se bastante nítida, uma vez que são os morfemas a serem adicionados ao núcleo sintagmal que vão indicar a função sintática do sintagma. Assim, em latim, o morfema do caso *nominativo* sinaliza que, sintaticamente, o sintagma funciona como sujeito; o morfema do caso *genitivo* indica que o sintagma funciona sintaticamente como adjunto restritivo; sintaticamente, o morfema do caso *Acusativo* nos indica a função de objeto direto, e assim por diante.

Percebe-se, com isso, que os morfemas de caso fazem nítida referência a estruturas sintáticas, ficando impossível pensar que a morfologia seja processada totalmente antes da sintaxe.

Pelo argumento apresentado acima, podemos verificar que o sistema de casos tem forte impacto na ordem dos constituintes sintáticos, ficando evidente que a sintaxe é visível à morfologia flexional.

Para exemplificar, podemos dizer que, quando o falante nativo do português aciona a regra de concordância, para realizar o gênero das palavras que se encontram no entorno de um nome, dentro de um sintagma nominal (SN), a flexão operada pelo falante é a parte visível à sintaxe, mas tal processamento efetuou-se antes mesmo da sintaxe, devido o gênero ser inerente aos nomes do português, ou seja, não há necessidade de uma regra sintática para que um nome seja masculino ou fe-

minino, podendo, entretanto, a regra sintática de concordância evidenciar esse gênero. Se a competência gramatical do falante admite que determinado nome tem o gênero inerente masculino, o artigo e o adjetivo que se encontram em seu entorno, no SN, vão concordar com esse nome, assumindo a forma masculina.

É essa perspectiva que desenvolveremos neste trabalho, evidenciando, dessa forma, a interface entre a morfologia flexional e a sintaxe, fundamentando nossa reflexão em discussões feitas por linguistas gerativistas.

#### AS UNIDADES MÍNIMAS: TRAÇOS E MORFEMAS

Vejamos estes exemplos<sup>23</sup>:

[o presidente eleito]<sub>SN</sub> [o chefe afamado]<sub>SN</sub>

[um mestre atento]<sub>SN</sub> [o menino bonito]<sub>SN</sub>

Nos quatro sintagmas elencados acima, o núcleo sintagmal é sempre um nome masculino, fazendo com que o artigo e o adjetivo acompanhantes estejam também no masculino.

A afirmação de Chomsky (1970) de que a sintaxe é cega para a morfologia ficou conhecida como *Hipótese Lexicalista*. Entretanto, a discussão suscitada por Anderson (1982), de que a sintaxe não pode ser cega à morfologia flexional, propiciou o tratamento da morfologia derivacional como um processo lexical, ficando conhecida como *Hipótese Lexicalista Forte*, e a morfologia flexional, que ganhou um tratamento morfossintático, ficou conhecida como *Hipótese Lexicalista Fraca*.

---

<sup>23</sup> Exemplos extraídos do Anexo 3 do *corpus* preparado para a tese de Mestrado *O gênero dos nomes em português: interface entre a morfologia e a sintaxe*, apresentado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) da Universidade de São Paulo (USP), em setembro de 2003.

## LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

Observando as posições assumidas por Anderson (1982, 1992), percebe-se que, se em *Where's Morphology* (1982) o linguista não seguiu simplesmente a corrente que deslocou a morfologia flexional do léxico para a sintaxe, em *A-Morphous Morphology* (1992) recusa-se a ideia de uma morfologia flexional que faça parte da sintaxe, fundando-se um quadro teórico mais amplo para a análise da morfologia flexional. Um ponto muito interessante, nesse quadro, é a proposta de que morfemas não constituem a unidade mínima da morfologia.

Quando trata da questão dos morfemas, o próprio linguista afirma que “os princípios que sustentam a noção estruturalista de morfema devem ser pelo menos reformulados, se não abandonados” (Anderson, 1992, p. 56).

A proposta é tratar o material morfológico como relações (entre formas lexicais) ou processos (através dos quais uma forma lexical pode ser construída a partir de outra), levando então a concluir que “em vez de um léxico de afixos, a morfologia de uma língua deveria consistir em um conjunto de regras, que descreveriam as modificações das formas existentes que estariam relacionadas com outras formas” (Anderson, 1992, p. 69).

Ao abandonar, portanto, a noção estruturalista de que os morfemas são as unidades mínimas da morfologia, assume-se que são os traços do tipo [+1ª pessoa], [+passado], [+feminino], [+plural] etc. que se constituem nos traços mínimos do sistema morfológico e que é no Léxico que esses traços devem ser manipulados pela língua.

Assim, o que a sintaxe manipula são os traços mínimos, cabendo à fonologia pós-lexical resolver como tais traços serão pronunciados na estrutura de superfície.

Anderson (1992, p. 2) assevera que a estrutura da palavra pode ser entendida apenas como um produto de princípios em interação provenientes de muitas partes da gramática: ao

menos da fonologia, da sintaxe e da semântica, em adição ao 'léxico' (...), uma teoria de domínio substantivo, cujo conteúdo é disperso através da gramática.

## MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA E GRAMÁTICA GERATIVA

No recente desenvolvimento do *Programa Minimalista* da gramática gerativa, adotam-se as postulações de Anderson (1992), considerando-se os traços do tipo [+1a. pessoa], [+passado], [+feminino], [+plural] etc. como unidades mínimas da morfologia. Entretanto, enquanto Anderson defende que tais traços são construídos no léxico, a teoria minimalista os remete para a sintaxe. Apesar dessa divergência, destacamos o novo papel dado pelo Minimalismo para a morfologia dentro da teoria linguística, já que, como vimos, são os traços morfológicos que acabam por guiar a sintaxe, apesar de os minimalistas continuarem a subordinar a morfologia à sintaxe.

Paralelamente ao programa minimalista da gramática gerativa, Halle & Marantz (1993) e Marantz (1997) dão novo impulso aos estudos de morfologia, trazendo importantes contribuições através do que eles denominam morfologia distribuída (MD). A MD adota a organização da gramática de princípios e parâmetros, concordando, assim, com a proposta de uma morfologia baseada na palavra (lexeme-based morphology). Nesse modelo, os nódulos terminais da forma lógica, da estrutura profunda e da estrutura de superfície não comportam traços fonológicos, os quais somente obtêm no nível da estrutura morfológica. Dessa forma, para a MD, a atribuição de traços fonológicos para os conjuntos de traços morfossintáticos acontece depois da sintaxe e não cria ou determina os elementos terminais manipulados pela sintaxe. Essa operação permite maior intersecção entre a morfologia-fonologia-sintaxe e recu-

## LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

sa a ideia de que morfologia derivacional e morfologia flexional estão separadas em dois nódulos distintos.

A MD reconhece que a estrutura morfológica é um nível de representação gramatical com seus próprios princípios e propriedades, desde que se abandone a noção de que afixos são morfemas.

No atual programa gerativo, portanto, a morfologia volta a ter o papel de destaque que lhe havia sido negado no surgimento da gramática gerativo-transformacional e pela teoria de princípios e parâmetros. Como sugere Sandalo (2001), se o objeto de estudo da gramática gerativa é a GU, as pesquisas gerativistas precisam responder qual é a natureza dessa GU que permite que haja tamanha diversidade linguística, que não é tão restrita como uma análise paramétrica nos fez supor à primeira vista, e que fica bastante nítida através da morfologia.

### BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, S. R. *Where's morphology*. Linguistic Inquiry, vol. 13, 1982.

———. *A-morphous morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. **In:** JACOBS e ROSENBAUM (orgs). *Readings in English transformational grammar*. Waltham, Mass: Braisdell, 1970.

HALLE, M. & MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. **In:** HALE, K & KEYSER, S. J. (orgs.) *The view from Building 20: Essays in linguistics in honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge: The MIT Press, 1993.

SANDALO, F. Morfologia. **In:** MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à linguística*. São Paulo: Cortez, v.1, p.181-206.